

“O Rio de Janeiro Continua ... Daquele Jeito!”³⁵

Este capítulo tem como proposta apresentar o primeiro momento da pesquisa de campo, que foi a aproximação do mundo da prostituição na rua, que compreende uma das formas do mercado do sexo. A incursão aconteceu no período de junho a dezembro de 2008, nas terças e sextas-feiras das 18 horas até as 24 horas ao acompanhar o trabalho noturno realizado pela equipe de abordagem do SECABEXS nos pontos de prostituição adulta e nas localidades com crianças e adolescentes em situação de rua. Logo em seguida organiza as observações feitas segundo um mapeamento dos pontos de prostituição distribuídos pelo território da cidade do Rio de Janeiro. Por último, descreve situações e relatos do cotidiano das pessoas que se prostituem – mulheres, travestis e homens, como também das crianças e adolescentes em situação de rua.

No período correspondente de junho a dezembro de 2008, a equipe de abordagem era formada pela coordenadora da abordagem, por dois educadores sociais do sexo masculino e um motorista. Posteriormente, foram substituídos os educadores por outros dois novos profissionais, incluindo um do sexo feminino. Além da equipe profissional da abordagem, participavam das incursões: uma antropóloga argentina, doutoranda na Espanha, desenvolvendo pesquisa sobre “travestilidade - transformação no corpo e processo migratório”; um graduando em Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, pesquisando sobre crianças e adolescentes em situação de rua; um pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, participante da pesquisa-ação sobre DST-AIDS; e, o próprio autor deste trabalho.

No início das abordagens a atitude tomada pelo pesquisador, foi de cautelosa observação sobre as circunstâncias que envolviam as pessoas que se prostituem, como também daqueles chamados de donos da rua. Assim sendo, durante o primeiro mês

³⁵ O título deste capítulo é inspirado nas estrofes de duas músicas, a primeira trata da música do cantor e compositor Jorge Ben Jor “Aquele abraço”, que canta as belezas do Rio de Janeiro e o “jeito carioca” e a segunda no funk carioca Gaiolas das Popuzadas “De sainha”, que fala da sensualidade dos bailes funks. Contudo, o título quer ser uma forma irreverente de expressão.

poucas conversas foram mantidas com as mulheres, as travestis e os homens que se prostituem, assim como, com as crianças e adolescentes em situação de rua.

Mas aos poucos, ocorreu a receptividade desejada e pode-se estabelecer conversas intencionais individuais ou em grupos, nas quais eles e elas narraram fragmentos de suas histórias e do seu cotidiano na prostituição.

Neste processo foram presenciadas conversas animadas entre essas pessoas, delas com os motoristas dos carros que paravam para abordá-las, com as pessoas que se prostituem aceitando ou recusando as investidas dos supostos clientes. Ainda, foram vistos, travestis mostrando os seios, transeuntes ofendendo ou atirando pedras e garrafas nessas pessoas, mulheres e travestis realizando sexo oral com clientes atrás de árvores em ruas escuras ou nas praias, entre outras situações.

3.1

Mercado do sexo na cidade do Rio de Janeiro

Para contextualizar o mercado do sexo na cidade do Rio de Janeiro, primeiro traça-se um panorama geral da mesma situando-a no espaço sócio-político-geográfico da região. Para em seguida descrever a dinâmica do mercado do sexo, observada nas incursões feitas nos pontos de prostituição de rua na cidade do Rio de Janeiro.

O município do Rio de Janeiro é uma das principais cidades do país e como salienta Evangelista (2003) é uma das mais ricas também e responsável por 62% do Produto Interno Bruto – PIB do estado do Rio de Janeiro. Além disso, é um dos municípios mais populosos do Brasil, a população residente na cidade do Rio de Janeiro era da ordem de 5.857.904, sendo 2.748.143 do sexo masculino e 3.109.761 do sexo feminino, segundo o último censo do IBGE (2000). A população estimada para 2008 é de 6.093.472 habitantes (Instituto Pereiras Passo, Prefeitura do Rio de Janeiro).

O Rio de Janeiro tem como vizinhas as cidades da chamada Baixada Fluminense (Duque de Caxias, Itaguaí, Magé, Nilópolis, Nova Iguaçu e São João de Meriti), ainda as cidades ao entorno da Baía da Guanabara (Itaboraí, Niterói e São Gonçalo) e da Baía de

Setetiba (município de Itaguaí), formando a área metropolitana do Grande Rio. A região metropolitana é responsável por cerca de 80% do PIB do estado do Rio de Janeiro Evangelista (2003). Ademais, as cidades vizinhas estão diretamente ligadas à cidade do Rio de Janeiro, uma vez que a população dessas cidades utiliza seus serviços públicos, tais como: hospitais, escolas e postos de trabalho.

O município apresenta também uma acessibilidade para outras regiões do território nacional e internacional, está servido por dois portos, o do Rio de Janeiro (na Baía de Guanabara) e o de Setetiba (na Baía de Setetiba); por grandes rodovias que ligam os diferentes estados, como por exemplo, BR-040 entre Rio de Janeiro – Juiz de Fora; BR 101 entre Rio de Janeiro – Vitória, BR-116 Via Dutra entre São Paulo – Rio de Janeiro, contando ainda com dois aeroportos, um nacional e outro internacional.

A cidade do Rio de Janeiro é chamada de ‘cidade maravilhosa’, em função das belezas naturais e belezas arquitetônicas, que possui como por exemplo: as praias de Copacabana e Ipanema, a Lagoa Rodrigo de Freitas, a Floresta da Tijuca, o Cristo Redentor e o Teatro Municipal, entre outras, assim como por ser reconhecida sua população como hospitaleira, divertida e sensual.

A cidade recebe visitantes internacionais e nacionais durante todo ano, tendo como alta temporada o período do verão, estação do ano que ocorrem também duas grandes datas festivas: carnaval e reveillon. A primeira tem os desfiles das escolas de samba que oferecem um grande espetáculo, reconhecido mundialmente e a segunda pela concentração de pessoas nos shows pirotécnicos de Copacabana.

Todavia, não é só por seus encantos que a cidade maravilhosa é conhecida, pois ela também tem índices altos de violência urbana, como assaltos, narcotráfico e homicídios. Em amostragem do IBGE nos anos de 2007 e 2008 foram notificados respectivamente 2.465 e 2,336 casos de homicídios dolosos³⁶.

Vale salientar nesse quadro os constantes ataques e invasões de traficantes a favelas com intuito de dominar novos territórios, causando pânico aos seus moradores e

³⁶ Segundo o Código Penal Brasileiro no Art 18, diz-se que o crime é doloso, quando o agente quis o resultado ou assumiu o risco de produzi-lo.

dos bairros vizinhos. Ocorrem assassinatos e mudanças na dinâmica de todo o entorno dessas comunidades³⁷.

De acordo como o IBGE aproximadamente 308.581 pessoas moram em aglomerados subnormais, espalhados por toda região do município, tanto nas zona sul, norte, oeste e centro.

A ‘cidade maravilhosa’ também vive um diversificado serviço sexual, existindo um mercado do sexo, de prostituição.

A prostituição é um fenômeno social complexo, para autores como Eva Faleiros (2004), Santos (2004) e Leite (1993) e entidades como OMS, OIT, Ministério do Trabalho e Emprego - MTE³⁸ concebendo-se como um trabalho, consistindo numa categoria profissional. Scambler (1990) (apud Gomes, 1996, p.46) vai além da perspectiva de trabalho, pois entende a prostituição “enquanto uma transação econômica”, sendo a gratificação sexual a moeda de troca, não existindo afeição na relação sexual.

No Brasil a prostituição não é considerada crime, mas sim o lenocínio, ou seja, o favorecimento ou indução da prostituição, sendo passível de punição segundo a Constituição Federal de 88 art. 228. Para autores como Swain (2004) e pesquisadoras como Diniz e Queiroz (2008) a prostituição é uma violência, sendo que os últimos consideram esta prática somente sobre a ótica da mulher, estabelecendo a prostituição enquanto violência contra mulher, sendo fruto do patriarcado, consistindo na dominação masculina sobre a mulher.

³⁷ É citado como exemplo, o episódio da invasão dos traficantes de drogas da Rocinha à comunidade Ladeira dos Tabajaras em Copacabana em março de 2009, com propósito de dominar o narcotráfico da região, existindo uma batalha entre traficantes e policiais, com várias seções de tiroteio nas ruas de Copacabana e adjacências, como foi notificado pelo Jornal O Globo. Ver o anexo 6.

³⁸ O MTE no número 5198 – 05 da classificação de ocupação comenta que o profissional do sexo exerce como atividade: buscar programas sexuais; atender e acompanhar clientes e participar de ações educativas no campo da sexualidade. O exercício da profissão se dá por conta própria, em locais diversos e horários irregulares, podendo ficar exposto a intempéries e discriminações, como a contágios de doenças sexualmente transmissíveis, maus tratos e violência de rua e morte. Ademais, a formação e experiência só pode ser praticada aos maiores de dezoito anos e requer-se que os trabalhadores participem de oficinas sobre sexo seguro e a média de escolaridade encontra-se da quarta a sétima série do ensino fundamental (Ministério do Trabalho e Emprego). Disponível em: (<http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=5198>)

Apesar de Paterman (1993) referir-se somente à prostituição de mulheres, acredita-se que a perspectiva apontada por ele compreenda também os outros grupos que desempenham a prostituição, isto é, homens e todo o universo trans³⁹. Para Paterman a prostituição não é como qualquer outra categoria de trabalho, pois além da incerteza da realização da prática sexual remunerada e a exposição à visão estigmatizadora da população, seus participantes sofrem também violências físicas e em alguns casos são vítimas de assassinatos.

Além disso, a prostituição também é compreendida como “um fenômeno social permeado e construído pelas representações sociais” (Fábregas-Martinez, 2000, p. 15).

Gaspar (1985) ao analisar a prostituição de mulheres nas boates da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, indica a existência de variações da atividade de prostituição, como: alta, média e baixa. Alta é aquela que corresponde às mulheres de padrão sócio-econômico-cultural elevado, que determinam os preços estabelecidos pelo programa sexual. Eles geralmente são altos e elas direcionam os clientes para locais pré-estabelecidos. A média prostituição tem como característica sua prática em boates e casas de massagem, em locais privados, que parecem ser menos arriscados. A baixa prostituição é aquela que é praticada na rua, ou seja, a prostituição de rua. É considerada de menor nível na escala hierárquica dessa atividade, pois seus agentes ficam expostos nas ruas. As mulheres são da camada mais pobre da população e as relações sexuais são mantidas em locais que oferecem risco, como por exemplo, carros fechados e ruas escuras. Há pouca possibilidade de escolher os clientes. Estas se diferenciam daquelas que usam os locais chamados de “zona”, porque nesta coincide o local dos programas sexuais com o lugar de moradia.

Os pontos de prostituição constituem-se em locais aonde as pessoas que se prostituem permanecem à espera dos clientes e aonde negociam com os mesmos a atividade sexual a ser efetivada e o preço do programa sexual. Nesses também, configura-se como seu ponto de contatos com os moradores do entorno, os transeuntes, os

³⁹ Conforme Benedetti (2005, p.17) o universo trans “é um domínio social no que tange à questão das (auto) identificações”, pois existem várias categorias que definem e classificam as pessoas do sexo masculino que constroem corporal, cultural e subjetivamente de forma feminina, sendo tipificados como: travestis, transexuais, transformistas.

vendedores ambulantes, “a moça da quentinha”, o dono bar, o narcotráfico local e a polícia.

Os pontos de prostituição na verdade são áreas geográficas que criam e estabelecem valores, símbolos, linguagens, posturas corporais, sendo demarcados por diferentes grupos que estabelecem suas redes e seus códigos, estabelecendo assim uma territorialidade.

Conforme define Ribeiro (1997, p. 96)

A territorialidade é identificada pelas práticas sociais que, por um lado, são definidas por relações de poder, através do controle, e, por outro, pela apropriação simbólica e afetiva de uma área geográfica por indivíduos ou grupos.

Assim sendo, a territorialidade da prostituição não está associada somente ao espaço físico dos pontos de prostituição, que delimita as fronteiras dos grupos, mas também pelos códigos, as relações entre as pessoas que ali se encontram (Perlongher, 1987).

Como uma grande metrópole a prostituição de rua ocorre em toda região da cidade do Rio de Janeiro, representada de diferentes formas conforme o espaço urbano⁴⁰. Neste sentido, para fins desta pesquisa destacam-se apenas os pontos de prostituição adulta e as áreas de prostituição com a presença de crianças e adolescentes em situação de rua⁴¹, visitados pelo pesquisador junto à equipe do SECABEXS no período de junho a dezembro de 2008.

⁴⁰ De acordo com Ribeiro (1997, 89), “É no espaço urbano que as lutas se desenvolvem, já que a cidade é, ao mesmo tempo, cenário e objeto das lutas sociais, que têm como dimensão espacial, a formação e diversos territórios, até mesmos por grupos marginais, a partir de atividades tidas como ilícitas”.

⁴¹ Vale salientar que a equipe de abordagem com intuito de colaborar com o pesquisador dedicou uma maior atenção a realização das abordagens nos pontos de prostituição aonde teriam profissionais do sexo masculino.

Quadro 1: Pontos de Prostituição Visitados

Nº	Pontos de Prostituição	Bairros	Grupos Encontrados
1	Av. Augusto Severo	Glória	Travestis
2	Av. Men de Sá	Centro	Travestis
3	Av. Nossa Senhora da Penha	Penha	Mulheres, Travestis e Homens
4	Av. Sernambetiba	Barra da Tijuca	Mulheres e Travestis
5	Bananal	Ilha do Governador	Travestis
6	Centro de Campo Grande	Campo Grande	Mulheres e Travestis
7	Cocotá	Ilha do Governador	Mulheres, Travestis e Homens
8	Estrada do Pau Ferro	Jacarepaguá	Travestis
9	Quinta da Boa Vista	São Cristóvão	Mulheres e Travestis
10	Jardim América	Jardim América	Mulheres e Travestis
11	Lapa	Centro	Homens
12	Praça do Ó	Barra da Tijuca	Travestis
13	Praça Tiradentes	Centro	Mulheres
14	Rodoviária Novo Rio	Santo Cristo	Crianças e Adolescentes em situação de rua
15	Rua da Regeneração	Bonsucesso	Travestis
16	Rua São Luiz Gonzaga	São Cristóvão	Crianças e Adolescentes em situação de rua

Fonte: Pesquisa “Garotos sem Programa: estudo sobre exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro. Diário de Campo (junho a dezembro de 2008).

No total foram abordados dezesseis pontos de prostituição, sendo que dois se caracterizam por serem freqüentados por crianças e adolescentes em situação de rua facilmente cooptadas para serviços sexuais comerciais. Nesses pontos foram identificados homens, mulheres que se prostituem de diversas formas, assim como crianças e adolescentes. Merece destaque a presença de travestis nesses locais.

Vale salientar, a existência de outros pontos de prostituição na cidade, como por exemplo, locais muito conhecidos como a Av. Atlântica em Copacabana⁴², Via Apia⁴³ e Vila a Mimososa⁴⁴. Estes e outros pontos de prostituição disseminados pela cidade não foram abordados pelo pesquisador.

Nos dezesseis pontos de prostituição visitados foi notada a presença de mulheres, travestis e homens que se prostituem, assim como crianças e adolescentes em situação de rua que são atores desse circuito, que desempenham atividades sexuais e comportamentais sob a lógica de mercado, o mercado sexual. Nesses locais foram identificados adolescentes do sexo masculino explorados sexualmente.

Na seqüência deste capítulo descreve-se inicialmente a dinâmica do mercado do sexo de mulheres, travestis e homens em seguida destaca-se a presença desse mercado junto aos segmentos infanto-juvenis que perambulam pelas ruas.

3.2

Dinâmica do mercado do sexo: mulheres, travestis e homens

- **Mulheres que se prostituem**

As mulheres que se prostituem são chamadas ou se identificam como ‘prostitutas’, ‘putas’, ‘mulheres da vida’, ‘mulheres de vida fácil’, ‘meretrizes’, ‘garotas de programa’ e ‘profissionais do sexo’. Todos esses termos são carregados de estigmas e preconceitos, até a terminologia que concebe a prostituição enquanto uma atividade profissional possui conotação pejorativa e moralizante e essas mulheres continuam sendo

⁴² Ponto de Prostituição feminino (mulheres e travestis) nas ruas. Garcia (1985) realizou estudo sobre as mulheres que se prostituem em Copacabana e a relação com o turismo sexual.

⁴³ Via Apia é conhecido por ser ponto de prostituição masculina, um dos mais antigos, sendo um local extremamente perigoso como afirma Ribeiro e Mattos (2002) e Guimarães (2004).

⁴⁴ Tradicional ponto de prostituição de mulheres mais antigo da cidade, que como o nome já diz, corresponde a uma Vila, em que a prostituição é a principal atividade. Para saber mais sobre a prostituição de mulheres, ler: “Mulher da Vila, prostituição, identidade social e movimento associativo” de Aparecida Fonseca Moraes, Dissertação de Mestrado em Sociologia defendida em 1992 na UFRJ, Publicada em 1995, tendo como objetivo conhecer as histórias de vida das mulheres, seu trabalho, sexualidade e formas de organização das mulheres que se prostituem.

achacadas pela sociedade. A prostituição de rua realizada em locais públicos, especialmente conta com pouca ou nenhuma segurança.

Como foi apresentado no quadro intitulado “Pontos de prostituição visitados”, encontram-se mulheres exercendo atividade da prostituição em sete deles (Barra da Tijuca, Campo Grande, Centro, Ilha do Governador, Jardim América, Penha e São Cristóvão), porém as conversas informais com o pesquisador com as mulheres ocorreram com aquelas mulheres que estavam nos pontos da Av. Sernambetiba – Barra da Tijuca, Quinta da Boa Vista- São Cristóvão e Praça Tiradentes - Centro. Assim, vai se descrever o que foi percebido.

As mulheres que se prostituem na Av. Sernambetiba – Barra da Tijuca na sua maioria se identificam como ‘garotas de programa’, se posicionando enquanto profissionais do sexo. Foram encontradas nesta localidade uma média de doze mulheres com idades entre 20 a 35 anos conforme relato das mesmas. Os locais de moradia são desde as comunidades no entorno da Barra da Tijuca, como Rocinha e Cidade de Deus, como também são residentes em outros bairros da Zona Oeste, Santa Cruz e Sepetiba. Ainda foram encontradas mulheres que residem nos municípios de Niterói e São Gonçalo, cidades vizinhas ao Rio de Janeiro.

Tanto as mulheres que moram nos bairros de Santa Cruz e Sepetiba como as que moram nas cidades de Niterói e São Gonçalo falam que preferem o ponto na Barra da Tijuca porque lhes é conveniente, em função da longa distância do seu domicílio permitindo isso a guarda do sigilo do exercício da atividade que exercem. A família e a comunidade delas desconhecem a sua prática de prostituição.

As mulheres ficam distribuídas por toda a extensão da orla da Barra. De acordo com elas, este ponto é interessante, pois possui transporte para toda região da cidade e pelo poder aquisitivo dos clientes, que na sua totalidade são homens, visto que é uma região considerada de classe média, com moradores emergentes socialmente.

Os clientes nesta região aparecem com os carros, onde as mulheres do lado de fora do veículo fazem seu negócio. A atividade sexual e o preço do programa, custa em média R\$ 50, 00 (cinquenta reais).

Observou-se no período da abordagem grande reclamação das mulheres, em virtude da implantação da Operação BarraBacana⁴⁵ do Estado do Rio, pois em função disso o movimento dos clientes no ponto estava baixo.

Na Praça Tiradentes⁴⁶ foram encontradas sete mulheres com idades entre 25 ao 50 anos. Elas se identificaram como ‘putas’ e ‘mulheres da vida’, afirmando que gostavam da realização dessa atividade. Essas mulheres ficavam expostas na frente de um hotel simples, onde uma placa dizia que o período custava R\$ 20,00 (vinte reais), aguardando a aproximação dos homens. Outras fazem a volta na Praça, conversam com os ambulantes, fazem as refeições no comércio da região e estabelecem o programa com os clientes na rua.

Essas mulheres são de outros municípios do Rio de Janeiro, como Nova Iguaçu e Nilópolis e duas verbalizaram ser de outros estados Espírito Santo e Minas Gerais. Neste grupo se destaca uma mulher anã. Com exceção de uma das mulheres, as demais relataram que os familiares, maridos, mães e filhos não sabem que exercem a atividade de prostituição, por isso preferem se prostituir em outro município.

Assim como as mulheres que se prostituem na Praça Tiradentes, as mulheres da Quinta da Boa Vista se identificam como ‘putas’ e informam que realizam a prostituição para sustentarem seus filhos. Ficam expostas nesta área cerca de 23 mulheres aproximadamente, com idade entre 20 a 50 anos. Foram encontradas duas grávidas, segundo elas desempenham a prostituição freqüentemente até o último mês da gestação, dando a criança posteriormente ao nascimento e engravidando novamente para exercer sua atividade, uma vez que possuem uma clientela que busca por essa especialidade de prostituição⁴⁷.

As mulheres que se prostituem nesta localidade são oriundas dos subúrbios da cidade, tais como: Santa Cruz, Campo Grande, Honório Gurgel, Irajá, Jacaré ou de outros

⁴⁵ Em 1 de julho de 2008 a Secretaria do Estado lançou a Operação contra a desordem urbana nos bairros da Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes.

⁴⁶ Sobre a prostituição de mulheres na Praça Tiradentes ler Carvalho (1995) e Ribeiro e Matos (2002).

⁴⁷ Saffioti (2004) ao falar da sexualidade aponta a perspectiva de Freud sobre a inveja do pênis que as mulheres teriam e da inveja da maternidade que os homens teriam das mulheres, com base nisso, a autora ressalta que a inveja da maternidade por parte dos homens pode culminar por pagar para as mulheres que se prostituem grávidas uma alta quantia.

municípios Nova Iguaçu, Belfroxo, São João de Meriti e Magé. Algumas relataram que a família não sabia da realização da prostituição e outras contaram que a família tem conhecimento ou já desconfia dessa situação e são alvos de chacotas.

As mulheres ficam expostas nas ruas aguardando os clientes, conversando entre elas ou consumindo bebidas alcoólicas em algumas barracas de ambulantes. A maioria dos clientes chega em carros e de acordo com elas são levadas para um hotel conhecido na região. O preço cobrado pelo programa varia entre R\$ 20,00 (vinte reais) e R\$ 30 (trinta reais).

Conforme as mesmas, a bebida alcoólica é consumida para terem coragem de entrar nos carros e saírem para o programa sexual, pois segundo elas existe um risco muito grande de violência. Contaram que alguns clientes depois da realização do programa não querem pagar o valor combinado e já sofreram violência física e sexual. Até ocorrem assaltados por supostos clientes.

Concorda-se com Diniz e Queiroz (2008) quando estas afirmam que a violência cotidiana sofrida pelas prostitutas se dá pelo fato da marginalização e segregação a que estão submetidas, “propiciando maior vulnerabilidade de serem violentadas, roubadas e até assassinadas, dentre outras atrocidades as quais estão cotidianamente expostas”.

O ponto de prostituição da Quinta da Boa Vista não se restringe à entrada do parque público histórico da cidade, expande-se pelas ruas adjacentes e ao redor desse parque. As mulheres estão distribuídas pelo lado e extensão da rua, segundo orientação do dono do ponto. Existe uma área onde ficam somente mulheres e outras duas áreas onde ficam mulheres e travestis.

Como estratégias para evitar a ocorrência de violência, elas evitam sair com clientes jovens, prestam a atenção nos carros e nos clientes, pois se forem os agressores já conhecidos e os “assaltantes de prostitutas” elas não fazem o negócio, se “não vão com a cara do possível cliente”, quando acreditam que ele esteja mal intencionado nada é feito. Além disso, dizem evitar ir para motéis ou para locais distantes com os clientes, realizando o programa sexual num motel da região, pois já são conhecidas lá, sendo negociado o preço previamente antes de entrarem com os clientes.

Vale salientar que foi estabelecido um contato com uma “dona do ponto”, que era uma travesti recém chegada da Itália, com idade aproximadamente de 40 anos. Esta contou que só permite a atuação de mulheres no seu ponto, por considerar que elas sabem lidar melhor com as regras do ponto de prostituição, pois são mais respeitadas e honestas, não ofendem os transeuntes e a respeitam. Abriu exceção somente para duas amigas travestis, que estavam na ‘pista’ há pouco tempo. De acordo com a “dona do ponto” o tráfico local a ajuda na manutenção da ordem na localidade. Ela tem uma pessoa de confiança, sabendo de tudo que ocorre, caso se ausente do ponto.

Nestes meses de contato com as mulheres que se prostituem nas ruas do Rio de Janeiro, foi percebido que elas permanecem mais de seis horas expostas nas ruas à espera de clientes, que na sua maioria são homens. Além disso, existe uma diferença entre os pontos de prostituição no que refere ao entendimento sobre a prostituição. As mulheres da Barra da Tijuca consideram a realização dos programas sexuais como trabalho, mas as mulheres da Praça Tiradentes e Quinta da Boa Vista tem perspectiva da ‘vida fácil’, da imoralidade dessa atividade, percebendo-se como ‘putas’. A diferença também encontra-se nos ganhos e no status dos clientes. Na Barra da Tijuca a remuneração é maior como também a condição socioeconômica dos homens consumidores.

A principal semelhança entre esses grupos de mulheres se dá pelo sigilo, que mantém sob a prática da prostituição, pois a maioria delas teme pela descoberta de sua atividade por parte da família, por isso estão em localidades distantes do local de moradia.

A prostituição de mulheres diferencia-se da prostituição de homens e travestis, desse modo, faz-se necessário descrever também esses grupos.

- **Travestis que se prostituem**

No processo de estabelecer contato com as travestis⁴⁸, que desenvolvem a prostituição na cidade do Rio de Janeiro nos doze pontos de prostituição identificados pelo pesquisador, foram encontrados aspectos semelhantes no estudo realizado por Benedetti (2005) sobre prostituição das travestis em Porto Alegre – RS, definindo-as segundo a “própria lógica do grupo estudado” e Silva (2007) na sua pesquisa sobre prostituição das travestis em São Paulo e São Carlos – SP que as identifica com mesmas características apresentadas por Benedetti. Desse modo, as travestis são:

aquelas que promovem modificações nas formas do seu corpo visando a deixá-lo o mais parecido possível com o das mulheres; vestem-se e vivem cotidianamente como pessoas pertencentes ao gênero feminino sem, no entanto, desejar explicitamente recorrer à cirurgia de transgenitalização para retirar o pênis e construir uma vagina.

Assim sendo, é identificado neste trabalho as travestis como pessoas do sexo masculino, que possuem a identidade de gênero feminino, provocando alterações corporais para adquirirem aparência feminina, que adotam nomes femininos.

A travesti não busca ser mulher, sabe que não é uma mulher e também não se identifica como uma, ela procura a aparência da mulher que existe no seu imaginário. De acordo com Terto Junior (1989, p.53) “travesti não imita uma mulher, não faz como se fosse tal, bem como não se identifica com uma. O que organizaria a transformação do travesti não é a semelhança, mas a similitude”.

Para vivenciar sua identidade de gênero feminino com a aparência corporal feminina, as travestis começam a tomar hormônio feminino, através de ingestão ou aplicação de medicamentos que contenham progesterona e estrogênio para desenvolver os seios, arredondar os quadris, diminuir os pêlos (Benedetti, 2000). Além disso, fazem aplicações de silicone industrial ou prótese, usam roupas femininas, fazem uso de

⁴⁸ Utilização do “a” travesti se dá por compreender a perspectiva de Silva (2007, p.16) que destaca: “ainda que no universo travesti não haja consenso sobre qual é o gênero da palavra, uso o artigo feminino para me referir às travestis não só por uma posição política (uma vez que o tratamento no gênero feminino é uma das reivindicações dos movimentos sociais), mas também para estar mais de acordo com a forma como elas se tratam. Entre si, os artigos, pronomes e substantivos para se auto-referirem, ou para tratarem aquelas que lhes são próximas, estarão sempre no feminino”.

maquiagem e utilizam os artigos femininos. Segundo Benedetti (2000, p.33) “Entre as travestis, a percepção do corpo e sua fabricação constituem a sua identidade social e seu processo de formação como pessoa”.

De acordo com Benedetti (2000, p.51),

A identidade social de travesti não pode estar automaticamente vinculada ou mesmo ser pensada como sinônimo da categoria generalizante “homossexual”, ainda que as travestis mantenham (porém não exclusivamente) práticas sexuais homoeróticas, e contextualmente, se identifiquem também enquanto “homossexuais”. A identidade de travesti está antes associada à fabricação de um novo corpo do que às suas práticas e orientações sexuais.

Como apontam Silva (2007) e Fábregas-Martinez (2000) as travestis estão marcadas pelo estigma Silva (2007) salienta que isso ocorre em função do “embaralhamento do gênero”, isto é, a identidade do gênero feminino não corresponde ao sexo biológico, que é masculino, mas elas realizam a “construção do feminino em corpos masculinos”, sendo percebidas com a sexualidade exacerbada, desregrada e problemática.

Embora a travestilidade⁴⁹ não seja uma condição sine qua non da prostituição, a prostituição tem um significado importante para as travestis conforme observam Benedetti (2002 e 2005), Fábregas-Martinez (2002) e Silva (2007). É nos pontos de prostituição que elas estabelecem sua rede de convívio social, que funcionam como sistema de aprendizado e de troca, uma vez que é nestes locais que aprendem os métodos e técnicas de transformações do corpo; que tomam conhecimento dos “truques”, como por exemplo, esconder o pênis; que aprendem e criam vocabulário e “gíria” específicas ao grupo; que trocam informações sobre hormônios e os benefícios e prejuízos deles; que ainda, adquirem renda. Além disso, criam condições para conhecer pessoas com as quais se relacionam afetivamente, fazem amizades, consistindo assim como “principais no espaço de socialização deste grupo” (Fábregas-Martinez, 2000, p. 19).

⁴⁹ O termo travestilidade é usado no mesmo sentido proposto por William Peres (2004) apud Silva (2007, p.18) uma vez que “não só para marcar a heterogeneidade de possibilidades identitárias das travestis, como também em substituição ao sufixo ‘ismo’, que remete a doença e a patologia”.

No universo das travestis, mais especificamente na prostituição de travestis existem grupos específicos, seja em função da idade, da beleza, do território da prostituição, da montagem do feminino⁵⁰ entre outras possibilidades.

Silva (2007) apresenta assim subdivisões da categoria travesti no mercado do sexo. Estas foram percebidas nos doze pontos de prostituição visitados pelo pesquisador. As falas das travestis anunciaram os quatro estilos, que Silva descreve como: “européia”, “top”, “traveção” e “ninfetinha”.

O primeiro estilo refere-se às travestis chamadas de “européias”. São aquelas que moraram na Europa, realizando programas sexuais. A prostituição internacional é valorizada pelo grupo, pois possibilitaram a algumas conseguir adquirir algum poder aquisitivo, isto é, comprar carro e/ ou apartamento, ou mesmo investimento na construção do feminino de si mesmas, tendo maior facilidade em consumir os produtos estéticos e os medicamentos para construção do corpo feminino. Desse modo, as habilitam assim a manterem relações sexuais com clientes internacionais (Silva, 2007 e Fábregas-Martinez, 2000).

O segundo estilo trata das travestis “tops”. Esse termo tem como referência as modelos internacionais, sendo assim as travestis consideradas “tops” pelas demais aquelas reconhecidas como “belíssimas”. Elas além da prostituição de rua estão inseridas nas outras atividades do mercado do sexo, através de anúncios em sites, na internet, filmes pornográficos e em revistas especializadas. As travestis “tops” geralmente falam mais de um idioma e não se expressam por gírias, são marcadas pela extrema feminilidade. Revelam intenso cuidado com a estética, gastando boa parte da renda com os produtos de beleza. Chegam muitas vezes a serem confundidas por mulheres (Silva, 2007). O imaginário da mulher ideal é valorizado por esse grupo o que condiz com a tendência contemporânea da valorização da estética da mulher magra, com base na mídia.

⁵⁰ Segundo Benedetti (2000, p.53) “Montagem é como as travestis denominam o ato de vestir-se com roupas para mulheres”.

A outra categoria “traveção”. Diz respeito às travestis que são consideradas assim pelo fato de serem marcadas pelo excesso corporal, ou seja, tem “ancas fartas, muito seio, boca carnuda, coxas volumosas”, remetendo “à imagem do masculino” (Silva, 2007). “Os traveções” são geralmente as travestis mais velhas, que utilizaram antigas tecnologias para a construção do corpo feminino. O padrão de beleza feminino era marcado pelo imaginário social da mulher fatal, corpo escultural, tipo “violão”, como também o processo da travesti transformou-se em um ser exuberante.

O quarto e último estilo “ninfetinha”. São as adolescentes ou jovens travestis, que possuem pouca transformação no corpo, mas são “ousadas em suas performances junto ao cliente” e fazem a “linha patricinha”, vestindo roupas da moda juvenil (Silva, 2007). Esta categoria será melhor estudada no próximo capítulo.

Todavia, vale salientar como a própria Silva (2007) faz, que estas subcategorias não são excludentes, pois uma travesti pode possuir várias dessas classificações, como também pode se transformar e ser encaixada em outra categoria, assim como essas categorias podem ou não estar associadas às posições e valorizações entre os grupos de travestis, como também no mercado do sexo.

Como já foi citado anteriormente, foram realizadas incursões em doze pontos de prostituição de travestis, entretanto, os contatos e as conversas informais ocorreram com as travestis que se prostituem nos pontos da Av. Augusto Severo – Glória, Av. Men de Sá – Centro, Bananal – Ilha do Governador, Cocotá – Ilha do Governador, Estrada do Pau Ferro – Jacarepaguá, Quinta da Boa Vista – São Cristóvão, Praça do Ó - Barra da Tijuca, Rua da Regeneração – Bonsucesso, tendo sido identificados aspectos semelhantes e divergentes da prostituição das travestis.

As travestis que se prostituem na Av. Augusto Severo – Glória verbalizaram ter idade entre 22 a 28 anos, no entanto, a aparência de muitas delas não correspondia a idade real, umas aparentava ter menos de 18 anos e outras mais de 40 anos. As travestis são oriundas dos subúrbios do Rio de Janeiro, da Baixada Fluminense e de outros estados, como Recife, Paraíba, Minas Gerais e São Paulo. Muitas dessas residem no entorno do Bairro da Glória e Lapa – Centro.

Nesta localidade ficam expostas nas ruas cerca de 20 travestis por toda extensão da rua, que vai do Largo da Glória até a esquina da Rua Teixeira de Freitas, uma região com prédios residenciais e comerciais. É uma área bastante movimentada, possuindo intensa circulação de veículos, pois é uma via pública que liga a zona sul ao centro da cidade. Além disso, existem pontos finais de linhas de ônibus e ponto de táxis e têm ainda uma concentração de bares, restaurantes e ambulantes, onde as travestis convivem com a aceitação de alguns, mas por vezes são vítimas de chacotas e xingamentos perpetrados pelos transeuntes.

Nesse ponto de prostituição existe uma divisão de áreas onde as travestis ficam em trechos delimitados e determinados pelos ‘donos dos pontos’, que na sua maioria são travestis mais velhas, que se prostituem por mais tempo nesta área. As travestis pagam a quantia de R\$ 50,00 (cinquenta reais) semanalmente para os ‘donos do ponto’.

Os clientes, geralmente homens e até alguns casais, abordam as travestis na sua maioria em seus carros, quando elas se encostam nas janelas do veículo e negociam o programa sexual. Os clientes que não tem carro são chamados de “a pé”. O contrato geralmente segue uma tabela, sendo R\$ 20,00 (vinte reais) para o sexo oral e R\$ 50,00 (cinquenta reais) para o sexo completo (desempenho de papel ativo e/ ou passivo na relação). O preço pode variar para mais ou para menos, dependendo dos acordos estabelecidos.

Na Av. Augusto Severo – Glória existe a diversidade entre as travestis, tendo neste ponto de prostituição os diferentes estilos: “traveção”, “top,” “européia” e “ninfetas”, mas predominam os estilos “traveção” e as “ninfetas”. As “européias” gozam maior prestígio.

As conversas com essas travestis nesta região tiveram como principal assunto o desejo delas viajarem e ou de retornarem à Europa, em especial Itália e Espanha. Informaram que há uma concentração de travestis brasileiras nesses países. Contaram que na atualidade está complicado entrar nestes países, mas mesmo com essas barreiras a imigração continua ocorrendo. Uma travesti disse existir um “facilitador”, uma espécie de atravessador, que por uma quantia de 12 mil euros faz ingressar na Itália e por 8 mil euros na Espanha. Continuou dizendo que para a Espanha sai mais barato por causa da

intensa repressão policial e pelo maior rigor e exigência dos clientes na escolha das travestis.

A exposição das pessoas abordadas é feita em apartamentos e não nas ruas, para o cliente escolher com mais tranquilidade a travesti. A mais bonita, com o corpo melhor construído, com silhueta magra e com os seios fartos são as mais solicitadas.

Para realizar as viagens internacionais as travestis contraem dívidas, que terão que ser quitadas na Europa e caso desejem voltar, contraem novas dívidas, dobrando o valor, sendo difícil sair desse ciclo.

As travestis que se prostituem na Av. Men de Sá – Centro ficam expostas na frente de um hotel, onde deixam seus pertences e tentam levar os clientes para este local.

Neste ponto ficam cerca de 11 travestis na faixa etária de 22 anos a 40 anos, muitas são oriundas do nordeste do Brasil, Rio Grande do Norte, Recife, Paraíba, residindo agora no Rio de Janeiro nas imediações da Lapa. Elas vêm para a cidade para se prostituir, mas também para se bombear⁵¹, pois no Rio de Janeiro tem bombadeiras⁵² especializadas.

As travestis nesta localidade possuem o estilo ‘traveção’, mas o desejo de ir para a Europa é expressado, como também, de retornar para sua cidade natal.

Numa das incursões feitas uma travesti acabara de ser expulsa do ponto, pois devia à ‘dona do ponto’, chamada de cafetina. Não pagara o ponto de prostituição e o que consumira de drogas. A cafetina estava prestes a colocá-la num ônibus para voltar para sua cidade - Natal.

⁵¹ “Bombear é o verbo utilizado entre as travestis para o ato de injetar ou receber injeção de silicone industrial em alguma parte do corpo, a fim de torná-lo mais arredondado e, assim, na concepção dominante, mais feminino” (Silva, 2007, p.31).

⁵² As Bombadeiras são “travestis que aplicam silicone industrial no corpo de outras travestis, a fim de torná-lo arredondado, o que remeteria ao feminino. A ingestão de hormônios femininos e aplicação de silicone líquido são parte integrante de um saber próprio das travestis, que encontram nas bombadeiras as manipuladoras legítimas desse domínio” (Silva, 2007, p.44).

As travestis que se prostituem no Bananal – Ilha do Governador ficam expostas numa esquina na frente de uma casa de festas, perto de quiosques e bares na frente da orla e na estação final de uma linha de ônibus.

Neste ponto ficam cerca de 9 travestis, com idades entre 22 anos a 40 anos, todas moradoras da Ilha do Governador, aguardando a abordagem dos clientes, na sua maioria homens, mais casais também são consumidores desses programas sexuais. Os clientes aproximam-se tanto em veículos como a pé e os programas são realizados nos carros, na praia e nos hotéis da redondeza. O preço pela atividade sexual segue geralmente uma tabela, R\$ 10,00 (dez reais) pelo sexo oral e R\$ 30,00 (trinta reais) pelo sexo completo. O sexo completo pode custar mais caro, seja pelo fato de acreditarem que os clientes podem pagar mais pelo serviço, assim como pelo tempo do programa sexual ou como estratégia para recusar um suposto cliente que pode não cumprir o contrato como também para oferecer algum tipo de risco para elas (roubo, não pagamento da quantia acertada, cometimento de agressão física).

Muitas disseram que já sofreram violência física, sendo os policiais os que praticam mais agressões. Sábado é um dos dias em que elas não fazem ‘pista’ por conta de reclamações dos donos da casa de festa, especialmente nos finais de semana.

As travestis desse local na sua maior parte fazem o estilo “traveção”, mas existe uma que é da categoria “top” e a outra que além de ser considerada “traveção” também é “européia”, ambas gozam de prestígio no grupo. A travesti “top” geralmente é confundida como mulher. Faz filme pornô, trabalha como modelo, aparece nas revistas específicas de travestis e anuncia os serviços sexuais na internet. No ponto de prostituição é uma das que tem maior clientela e cobra mais caro pelo programa sexual, cobrando entre R\$ 50,00 (cinquenta reais) a R\$ 100,00 (cem reais). Já a “européia” tem o prestígio por ter vivido e feito prostituição na Suíça e na Itália e por conseguir comprar uma casa com o dinheiro da prostituição. Apesar de ter sido deportada para o Brasil no início de 2008, tem vontade de retornar para a Europa, o mais rápido possível.

Neste ponto de prostituição foi encontrado um transexual, que está no processo de realizar a cirurgia de mudança de sexo, informando que o desejo de ser mulher a fez

trancar o curso de enfermagem na Universidade Estadual do Rio de Janeiro no terceiro período, em função da discriminação era difícil assistir as aulas.

Vale salientar que as travestis relataram quando questionadas que não pagam o ponto, pois ali não havia cafetina. Todavia, neste momento elas riram, faziam caretas umas para as outras, o que denunciava o contrário.

O ponto de prostituição de travestis no Cocotá – Ilha do Governador fica na frente do Fórum e de um campo de futebol, permanecendo neste ponto cerca de 8 travestis, com idades entre 17 a 35 anos aproximadamente, todas moradoras das comunidades da Ilha do Governador.

Lá uma travesti possui o estilo ‘traveção’, aparentando ser a ‘dona do ponto’, no entanto, afirmou não existir cafetinagem ali. As demais travestis aparentam iniciar o processo de transformação corporal, pois possuem pouco ou nenhum seio, algumas utilizam enchimentos nos vestidos e tops para aparentar volume.

No ponto de prostituição do Cocotá as travestis dividem o espaço com alguns homens que também realizam esta atividade no local, com as quais passam boa parte conversando, aguardando os clientes. Estes na sua totalidade são homens, que abordam as travestis na sua maioria usando carro. Os programas sexuais são realizados nos próprios veículos, na praia ou nos hotéis da redondeza. O preço cobrado pelo programa do sexo é de R\$ 10,00 (dez reais) pelo sexo oral e R\$ 20,00 (vinte reais) pelo sexo completo, relatando que a felação era prática sexual mais solicitada pelos clientes.

O ponto de prostituição da Estrada do Pau Ferro em Jacarepaguá tem em média 11 travestis com idades entre 16 e 35 anos, moradoras de Rio das Pedras, Bonsucesso, Santa Cruz e do município de São João de Meriti. Algumas delas residem na mesma casa na comunidade Gardênia Azul em Jacarepaguá, casa controlada pela ‘dona do ponto’, uma travesti com idade entre 30 anos, bem ao estilo ‘traveção’ e com prestígio entre o grupo por ser ‘bombadeira’ e ‘européia’. Além disso, possui fama entre as travestis desse

e dos outros pontos de prostituição (Augusto Severo, Bananal e Bonsucesso) por ser muito rígida com as suas “meninas”, “filhas” ou “afilhadas”⁵³.

Neste grupo de travestis encontra-se um casal de travestis, segundo elas são “lesbichas”, uma junção dos termos bicha com lésbica, por considerar a relação amorosa entre duas travestis. Conforme relato de ambas, moram e trabalham juntas na prostituição, permanecendo sentadas no meio fio bem coladas ou em pé de mãos dadas. Preferem realizar o programa com o mesmo cliente, porém isso não ocorre com frequência.

Este local é uma estrada com intenso trânsito de automóveis e no ponto localiza-se um posto de gasolina com uma loja de conveniência. A área é também um bairro residencial, com ruas escuras e com pouca circulação de pedestres, mesmo com a existência de uma estação final de linha de ônibus.

Nesta localidade as travestis são vítimas de chacota e xingamento perpetrados pelos motoristas de carro, que além disso lançam objetos, pedras e sacos com urina contra elas, como também, chegam a agredi-las fisicamente, geralmente quando estão distraídas aguardando clientes. É notado que motoristas de carros se aproximam delas batendo com um pedaço de madeira.

Os clientes são geralmente homens motorizados, que abordam as travestis e negociam o programa sexual pelos vidros dos carros. As relações sexuais são mantidas dentro dos carros ou nos motéis da região. Contaram que a maioria das travestis desta localidade desenvolvem função ativa no sexo, por isso precisam controlar o uso do hormônio feminino para poderem ter ereção peniana. Precisam usar drogas tanto para terem coragem de entrar no carro, como para conseguir manter relações sexuais com os clientes.

⁵³ Neste trabalho, percebeu-se o uso das palavras ‘meninas’, ‘filhas’ e ‘afilhadas’ entre as travestis estudadas, referindo-se a travestis mais novas algumas travestis e algumas que ficam sob os “cuidados” das travestis “donas dos pontos” serem chamadas de mãe ou madrinha. Como bem discorre Silva (2007, p.44) as travestis que são consideradas “mãe ou madrinha cabe ensinar à sua filha as técnicas corporais e a potencializar atributos físicos, a fim de se tornar mais feminina. Ela ensina a tomar hormônios, sugere que partes do corpo a novata deve bombar e quantos litros colocar. Indica a bombadeira, instrui quanto aos clientes e sobre as regras do pedaço”.

Em função da transformação no corpo, verbalizaram ter tido em algum momento problemas com as aplicações de silicone líquido no corpo, tendo infecções que deixaram os seios tortos e alguns dias sem trabalhar.

As travestis que se prostituem na Quinta da Boa Vista – São Cristóvão tem idade entre 14 anos até 40 anos. Permanecem nas ruas aproximadamente 30 travestis, com roupas muito curtas, algumas ficam somente com peças íntimas e com os seios a mostra. Elas são oriundas de várias partes dos subúrbios da cidade (Ricardo Albuquerque, Campo Grande, Madureira, Vicente de Carvalho, Santa Cruz) e de outros municípios vizinhos (Itaguaí, Nova Iguaçu, São João de Meriti entre outros), contudo, muitas delas residem numa casa da comunidade da Mangueira, numa espécie de república para travestis com uma média de 10 travestis, administrada por ‘donos do ponto’. Elas pagam R\$ 100,00 (cem reais) semanalmente pelo aluguel do quarto.

Os controladores dos pontos de prostituição de travestis na Quinta da Boa Vista são tanto travestis, homens, mulheres, policiais, taxistas, traficantes, entre outros, podendo exercer mais de um desses elementos ao dominar a mesma área. A quantia paga pelas travestis para utilizarem as ruas para a prostituição é de R\$ 50,00 (cinquenta reais) por semana.

Os clientes aparecem em carros ou a pé, na sua maioria são homens, porém casais também buscam os programas sexuais, sendo o preço para a realização da atividade sexual R\$ 10,00 (dez reais) para o sexo oral e R\$ 30,00 (trinta) para o sexo completo. As relações são mantidas dentro dos carros, nas ruas escuras no entorno ou nos hotéis da redondeza, ressaltando que preferem não ir para locais distantes, em virtude da possível violência recebida. Contam episódios de travestis que foram encontradas mortas no lixão de Duque de Caxias após sair com clientes.

No ponto de prostituição de travestis na Quinta da Boa Vista encontram-se travestis dos estilos: “européia”, “traveção” e “ninfeta”, sendo a maioria do estilo “traveção” e apesar das “européias” serem prestigiadas entre as travestis, não foi percebido isto nesta região, pois elas não conseguiram adquirir bens e por serem de mais idade, realizam menos programas sexuais, ao contrário das “ninfetas”, que a todo o

momento são abordadas pelos clientes e são ousadas na forma de se vestir e de se portar, provocando os motoristas que passam pelas ruas.

As travestis que se encontram na Praça do Ó – Barra da Tijuca, são na sua maioria do estilo ‘top’ ou ‘ninfeta’, com idades entre 18 e 30 anos, moradoras da Cidade de Deus, Rio das Pedras, Gardênia Azul, Santa Cruz, Sepetiba, ficando neste ponto aproximadamente 10 travestis.

Como o nome do local já diz o ponto de prostituição está localizado numa praça, onde homens jogam futebol e outros realizam exercícios físicos. Existe um ambulante no local e ao redor alguns bares e restaurantes. De acordo com as travestis, este local na atualidade é tranquilo, pois depois da empregada que foi agredida fisicamente na Barra⁵⁴, não foram mais ameaçadas pela população.

Os clientes aparecem nos seus carros, os acordos para os programas sexuais são combinados na rua. O preço em média é de R\$ 50,00 (cinquenta reais) por meia hora, sendo os programas realizados em motéis da redondeza. As travestis relataram que na maioria das vezes desempenham o papel ativo no sexo e que os clientes pedem para elas jogarem o esperma delas em cima deles, causando um certo transtorno para elas, uma vez que em função da construção do corpo através da ingestão de hormônios femininos, tem dificuldade ou possuem pouco sêmen, como dizem são obrigadas a “dá o truque”⁵⁵, isso é, salivar bastante, para depois jogar nas costas dos clientes como se fosse o esperma desejado.

Por fim, no ponto de prostituição de travestis na rua da Regeneração – Bonsucesso encontram-se aproximadamente 13 travestis, com idades entre 16 a 40 anos, oriundas de algumas comunidades de Bonsucesso, Ramos e Penha. Essas travestis possuem o estilo “traveção” ou “ninfeta”.

Este ponto de prostituição é cercado por favelas, existe um motel na principal via pública da área e elas ficam bem num cruzamento entre ruas, aguardando os clientes na

⁵⁴ As travestis referiam ao caso de repercussão internacional da empregada doméstica espancada por jovens moradores de um condomínio de luxo na Barra da Tijuca, por ser confundida como prostituta em 2007. Este assunto encontra-se disponível no site: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL57819-5606,00.html>

⁵⁵ Bem como relata Silva (2007, p.16), o termo truque “significa valer-se de recursos diversos que otimizem a aparência, as condições de trabalho, entre outras situações, referindo-se sempre ao “se virar” com o que está em mãos”.

frente de um bar, bebendo cerveja e conversando em grupo ou com alguns fregueses do bar.

As conversas entre os grupos das travestis de Bonsucesso nas muitas vezes ouvidas eram sobre os namorados ou “maridos” e as festas dadas por esses homens, que são bandidos casados das comunidades locais. Segundo elas são tratadas como rainhas, tendo toda atenção dos organizadores das festas na comunidade. Falaram que os namorados ou “maridos” sabem do trabalho exercido por elas na prostituição, porém não gostam dessa atividade, sendo isto um dos motivos das brigas por ciúmes, ainda eles as defendem das situações de preconceito por causa da identidade de travesti.

As travestis que se prostituem nesse ponto contaram que os clientes, na sua totalidade são homens e chegam de carro, sendo o programa sexual realizado nos próprios veículos ou no motel da redondeza.

- **Homens que se prostituem**

Os homens que se prostituem são chamados e se identificam como ‘michê’, ‘boy’, ‘bicha boy’, ‘prostituto’, ‘cowboy’, ‘gogoboy’, ‘menino de aluguel’, ‘massagistas’, ‘amante profissional’, ‘garoto de programa’ e ‘acompanhante’. Conforme aponta Fábregas-Martinez (2000, p. 18) esses homens “raramente identificam prostituição como um trabalho”, percebendo-a como uma “atividade temporária, um bico até encontrar um emprego que lhes garanta um sustento”.

Sobre a prostituição masculina em São Paulo a abordagem de Almeida (1986) na sua pesquisa constatou que os michês trabalham em subempregos, são mal remunerados, sendo assim a prostituição uma complementação de renda.

Pesquisadores como Fábregas-Martinez (2000), Almeida (1986), Perlongher (1987) e Ribeiro (1997) ao tratarem da prostituição de homens utilizam o termo michê.

Perlongher (1987, p.17) destaca que o termo michê tem dois sentidos, um trata do ato de se prostituir e o outro corresponde aos homens que se prostituem “sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente”.

Os homens que se prostituem nas ruas também desenvolvem esta atividade nos cinemas pornô, saunas, banheiros públicos, fliperamas e bares (Almeida, 1986), porém na rua sua clientela é constituída praticamente por homens (Almeida, 1986 e Perlongher, 1987).

Almeida (1986, p.84) afirma que o michê é “duplamente estimatizado, pois pratica sexo pago e o sexo homossexual, ou seja, ele é um prostituto e transa com homossexuais”.

De acordo com Almeida (1986, p.84) existe uma relação tensionada entre cliente e michê, visto que os clientes percebem o michê como “sexo fácil, pago, descartável, um objeto a ser usado; - é um homossexual ‘enrustido’”. Já para os michês, os clientes são desprezíveis, “um ‘veado’, um ‘bicha escroto’”, e podem conseguir deles dinheiro com facilidade.

O papel sexual realizado nos programas sexuais apresenta-se como uma questão importante tanto para os michês quanto para os clientes, pois a existência da dicotomia ativo-passivo encontra-se presente, ressaltando a relação macho-fêmea, presente na lógica “binária” da concepção de gênero. O papel passivo do sexo seria praticado pelo cliente e o michê desempenharia a posição do penetrador, o ativo, retomando “a lógica da dominação simbólica estabelecida nas relações heterossexuais” (Fábregas-Martínez, 2000, p.76).

Perlongher (1987, p.216) ressalta que a relação entre o dominador e dominado presente na relação ativo-passivo, existente na relação michê e cliente consiste num intercambio econômico e com regra prescrita, já que “o passivo é quem paga e o ativo é quem recebe”.

Contudo, os michês desempenham a função passiva, mas não podem verbalizar isto para os outros michês nem para os clientes, pois perdem prestígio no ramo de atividade sexual.

Neste sentido, Almeida (1986, p.86) observa,

Em um grupo de michês, todos sabem da possibilidade de inversão de papéis no ambiente privado, mas isto não pode, nem deve ser comentado nunca. Torna-se segredo do grupo. Caso algum deles diga algo a respeito, este membro deve ser

desligado imediatamente, pois ele não era um “verdadeiro homem”, um “verdadeiro michê”, mas um “bicha disfarçado” e este comentário pode prejudicar o grupo como um todo, tornando público o seu “segredo indevassável”.

Ademais, os homens que se prostituem desenvolvem algumas estratégias para o desenvolvimento dos programas sexuais, uma vez que possuem atividade sexual intensa, como por exemplo, evitar a ejaculação, fingindo orgasmos (Perlongher, 1987) e estimular a ejaculação dos clientes, na qual a masturbação recíproca é praticada (Almeida, 1986).

Conforme afirma John Rechy apud Almeida (1986, p.84) existem “quatro variedades de michês: bicha extremamente feminina, jovem andrógino (geralmente loiro, esbelto, adolescente), o bissexual e o não entendido”. Entretanto, para Almeida (1980) no Brasil a predominância é de michês bissexuais e “não entendidos”⁵⁶, pois para ele os rapazes afeminados não fazem dinheiro “na difícil vida fácil” (Almeida, 1986, p.85), sendo uma minoria no mercado do sexo.

Voltando ao Perlongher (1987) vale salientar que para ele existem de três tipos de michês: michê-macho, michê-gay e o michê-bicha. O michê-macho é representado por uma virilidade extremada, o michê-gay assume a orientação sexual homossexual e utiliza-se da masculinidade para atrair os clientes, porém a “virilidade é expressa de forma menos estridente” e o michê-bicha apresenta a orientação sexual homossexual, possuindo características femininas, não fazendo uso da tal virilidade. No entanto, Perlongher (1987, p.128) destaca para a “diferenciação entre michê-macho e michê-bicha é transparente, os limites entre michês-bichas e michês-gays são confusos, e às vezes até subjetivos”.

No processo de abordagem nos pontos de prostituição de rua foram realizados incursões em 2 pontos de prostituição com homens que se prostituem, Cocotá – Ilha do Governador e Lapa – Centro, como destacado no quadro “Pontos de prostituição visitados”.

Nesses pontos de prostituição os homens para se identificarem ou para identificar os outros do mesmo grupo utilizavam os termos michê e boy como sinônimos ou termo

⁵⁶ Entende-se a expressão “não entendido” por pessoas que não possui e/ ou não se percebe com a orientação sexual homossexual.

bicha boy. Essa terminologia representa uma distinção entre os homens, assim como as áreas em que estão localizados. O michê é destinado para os homens com características tidas como masculinas e com identidade sexual heterossexual. Já os denominados bichas boys são homens com identidade sexual homossexual, com características femininas.

Como salienta Guimarães (2004, p.67) a bicha possui dentro do sistema simbólico das relações sociais dos homossexuais uma posição de hierarquia inferior, em função da “expressão pública da identidade homossexual como da sua posição de classe”. É estigmatizado e com menor prestígio dentro do mercado do sexo.

No ponto de prostituição no Cocotá – Iha do Governador os homens têm idades entre 17 a 30 anos aproximadamente, permanecendo nesta localidade cerca de seis homens.

Como já foi relatado no item referente as travestis, essa área é dividida entre homens e travestis. Observou-se que as conversas entre si eram variadas desde assuntos como religião, em especial o Candomblé e Umbanda, até namoro, sexo, homens e o cotidiano em geral.

Os homens se identificam como bichas boys, usam shorts, camisetas e chinelos. Inicialmente negaram ao pesquisador envolvimento com a prostituição, verbalizando que permaneciam no local somente por serem amigos das travestis, porém no decorrer do tempo, mais confiantes contaram realizar programas sexuais, como uma forma de diversão, pois não precisam dessa atividade. Eles têm trabalho fixo, por exemplo de: auxiliar de enfermagem, trocador de ônibus, atendente de loja, auxiliar de cozinha, entre outros. Informaram ter poucos clientes na prostituição, visto que estes preferem as “bichas montadas”, referindo-se as travestis iniciantes do local.

Já no ponto de prostituição da Lapa – Centro, cerca de dez homens que se prostituem possuem idade entre 16 a 30 anos aproximadamente, oriundos dos bairros de Bangu, Glória, Jacarepaguá, de outros municípios Duque de Caxias, Niterói, São Paulo – SP e Viçosa – MG. Eles ficam expostos na Praça dos Arcos da Lapa, local movimentado, com grande circulação de jovens, ambulantes, policiais e de automóveis.

Esses homens se identificam como michês ou boys, usam calças jeans ou bermudas, tênis e camisetas ou na maioria das vezes encontram-se descamisados, perambulando em grupos ou parados, conversando sobre mulheres e fazendo uso de bebida alcoólica, cigarro, maconha ou de outras drogas, enquanto aguardam os clientes que aparecem tanto de carro como a pé.

Os homens na Lapa disseram que o preço do programa é de R\$ 50,00 (cinquenta reais), por meia hora no motel, praticando somente a posição ativa no sexo. Todavia, comentam que alguns michês mantêm prática sexual passiva, sendo a forma usual para conseguir mais dinheiro dentro do mercado do sexo.

Os homens na Lapa chegam a realizar de quatro a cinco programas sexuais em noites movimentadas.

De acordo com os homens, os clientes são na maior parte homens, os “veados”, pois mulher não precisa pagar, eles sim pagariam para manter relação sexual com ela.

Os ‘michês’ contaram que se iniciaram na prostituição em virtude da necessidade econômica de sustentar a família. Seus familiares, mulheres, namoradas e amigos não sabem que realizam essa atividade. Alguns exercem ainda outras atividades, como por exemplo: ambulantes, ajudante de pedreiro e até foi mencionada ações de traficante e de cafetão de prostituição de mulher.

Assim sendo, compreendeu-se que os homens que se prostituem tanto no Cocotá e como na Lapa não percebem a prostituição vivenciada como trabalho, mas sim como uma forma de complementação de renda ou diversão. Os dois pontos de prostituição de homens possuem a presença de adolescentes do sexo masculino.

3.3

Crianças e Adolescentes em Situação de Rua: Explorados Sexualmente

Além das incursões nos pontos de prostituição de rua dos adultos foram realizadas abordagens em locais com alta concentração de crianças e adolescentes em situação de rua, uma vez que estes encontram-se vulneráveis a exploração sexual comercial infanto-juvenil.

Conforme definem Souza e Oliveira (2007, p.18),

A situação de rua se apresenta de forma complexa e heterogênea, sugerindo categorias distintas de crianças nas ruas: trabalhadoras, pedintes, perambulantes, moradores, “refugiados”, turistas, com maior ou menor grau de contato com comunidade e familiares. Os parâmetros que diferenciam essas categorias são de difícil identificação, já que o exercício de vários papéis é nitidamente verificável nas ruas.

Crianças e adolescentes em situação de rua ainda são comumente chamadas pejorativamente de meninos de rua, criança de rua, pivetes, menor, trombadinha, entre outros termos, refletindo-se no imaginário social como pessoas marginais em potencial (Soares, Martins, Butler, Caldeira e Rizzini, 2003).

No entanto, criança e adolescente em situação de rua:

(...) crianças e adolescentes que vemos pelas ruas das cidades, fora do alcance de sua família e longe de seus cuidados. Em, geral sobrevivem nas ruas, podendo passar algumas horas por dia fazendo algo que lhes renda algum dinheiro ou morando nas ruas e em instituições que lhes dão abrigo temporário (Rizzini e Butler, 2003, p.17).

Com essa compreensão, foram realizadas conversas informais com as crianças e adolescentes em situação de rua e observação da dinâmica de alguns de seus grupos perambulantes em duas localidades: nas imediações da Rodoviária Novo Rio – Santo Cristo e na Rua São Luiz Gonzaga – São Cristóvão.

A Rodoviária Novo Rio é a principal estação de passageiros de linhas de ônibus intermunicipais, interestaduais e internacionais, com um movimento intenso de pessoas. Está localizada na Av. Francisco Bicalho – Santo Cristo, que faz a ligação entre a zona norte ao centro da cidade. No seu entorno encontram-se uma estação de ônibus municipal, um centro de ambulantes e pontos de táxis. Neste lugar foram encontradas sete crianças e adolescentes em situação de rua, com idade entre 11 a 17 anos, sendo cinco do sexo masculino, com 11 a 17 anos e duas do sexo feminino, com 13 e 15 anos, oriundos dos bairros de Madureira, Providência e Jacaré e do município de Duque de Caxias.

Na Rua São Luiz Gonzaga – São Cristóvão, local próximo ao Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas conhecido popularmente como ‘Feira dos Paraíbas’, foram vistas aproximadamente trinta pessoas entre crianças, adolescentes e adultos, tendo muitos algum tipo de parentesco como: irmãos, primos, tios, sobrinhos e mães e filhos. Ainda, faziam parte desse grupo três adolescentes grávidas com idades entre 13 a 17 anos. Elas informaram que “cometem furtos e esmolam, mantendo relações sexuais com homens e com outros adolescentes do grupo em troca de dinheiro, presentes ou alguns favores” (Diário de Campo, agosto, 2008).

Nessas duas localidades, crianças e adolescentes perambulam, esmolando, cometem alguns furtos ou realizam atividades laborativas, como por exemplo; venda de balas e doces nos sinais de trânsito e engraxando sapatos. Fazem também uso de drogas, como thinner, cola, maconha e crack. Ainda namoram, mantém relações sexuais neste espaço.

Alguns desses jovens, mesmo que esporadicamente, possuem contatos com os genitores ou responsáveis e com a comunidade de origem, indo visitá-los nos finais de semana e freqüentando os bailes funks. Todavia, outros não possuem mais vínculos familiares e nem comunitários, ficando na rua em tempo integral.

De acordo com algumas falas ouvidas, a rua oferece tudo: comida, diversão e dinheiro, sendo melhor que ficar em casa, além disso, não precisam ir para a escola e não tem ninguém atrás deles. (Diário de campo, outubro, 2008).

Rizzini e Butler (2003, p.30) destacam que

Na rua não se tem hora certa para fazer o que se quer, nem se é obrigado a fazer ou deixar de fazer seja lá o que for. Viver na rua significa, pois, não ter pai ou patrão. Por isso, além de se poder tomar, com o tempo e o espaço, uma liberdade inconcebível para o menino de casa, consegue-se alcançar uma antecipação considerável da capacidade de dispor do próprio corpo, no que se refere às relações sexuais e ao consumo de drogas.

A sensação de “liberdade das ruas” é ilusória (Rizzini e Butler, 2003, p.31), pois eles ressaltam os inúmeros episódios de violência, reclamando da dificuldade de dormir na rua, as constantes brigas entre eles, as chacotas e os olhares de medo das pessoas, a

repressão policial e das instituições de proteção à criança e adolescente (Diário de Campo, setembro, 2008).

As crianças e os adolescentes verbalizaram que estão na rua há bastante tempo, não conseguem ficar em casa e nem nos abrigos, relatando histórias de passagens por várias instituições de abrigo, Conselhos Tutelares, Delegacias de Proteção à Criança e Adolescentes e Juizados da Infância e Juventude, salientando que são “famosos” nestes lugares (Diário de Campo, outubro, 2008).

Nas duas localidades também foram constatados crianças e adolescentes em situação de exploração sexual comercial, tanto meninas quanto meninos. Cerca de nove crianças e adolescentes do sexo feminino com idade entre 11 a 17 anos, incluindo três adolescentes estavam grávidas com idades entre 14 e 17 anos. Oito meninas negras e uma branca foram encontradas na Rua São Luiz Gonzaga. As meninas contaram que estão na rua porque não conseguem ficar em casa, pois estão “viciadas na rua”, apesar de saber que a rua não é o melhor local, gostam da sensação de liberdade, da diversão e dos riscos que são oferecidos. Todas são usuárias de várias drogas: cola, thinner, maconha e crack (Diário de campo, outubro, 2008).

Vale ressaltar, que numa das incursões uma adolescente de 17 anos, que afirmava estar grávida e ser portadora do vírus da AIDS e de Hepatite, inalou cola de sapateiro, desmaiando durante a aproximação da equipe de abordagem do SECABEXS. Foi socorrida pela equipe e levada ao Hospital Municipal Souza Aguiar, porém durante o atendimento ela retirou o soro do braço, dizendo que já estava “bem” e não queria ficar presa naquele local, não permitindo a realização de outros procedimentos médicos. Sendo assim, foi concedida alta hospitalar e a jovem retornou para as ruas (Diário de campo, novembro, 2008).

As garotas relatam que possuem namorados fixos, adolescentes ou adultos em situação de rua. Existe uma intensa mudança nos relacionamentos, uma vez que as meninas apontavam dentre o grupo vários ex-namorados. Além disso, contaram que são

abordadas por homens para manterem relações sexuais em troca de drogas, dinheiro e comida, para elas e seus “maridos”⁵⁷.

Os adolescentes do sexo masculino em situação de rua inseridos na exploração sexual comercial desempenham dois papéis. O primeiro ocorre através da prática sexual comercial com outrem, como será apresentado no próximo capítulo. O segundo se dá como aliciador das namoradas (crianças ou adolescentes). Como destacam Meira e Resse (2008) o garoto age como incentivador das relações sexuais comerciais exercidas pelas meninas, visando lucro financeiro e/ ou forma para conseguir trocas⁵⁸.

As crianças e adolescentes em situação de rua são vulneráveis para exploração sexual comercial, já que são desprotegidos do convívio familiar e comunitário. Ficam expostos às abordagens dos adultos para manterem relações sexuais e ao consumo de drogas, com promessas de dinheiro e prazer rápido.

⁵⁷ As adolescentes referem aos seus parceiros como maridos.

⁵⁸ Apesar da identificação dessa realidade, não foi possível estudar o envolvimento dos adolescentes do sexo masculino na exploração sexual comercial de adolescentes do sexo feminino.